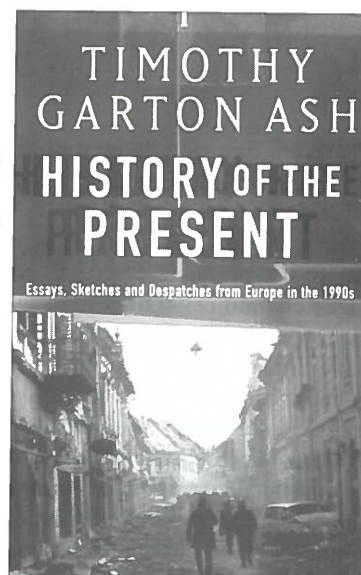




Fragmentos de Presente

Pedro Rosa Mendes

Timothy Garton Ash
History of the Present
 Allen Lane/The Penguin Press
 1999



Timothy Garton Ash tem uma veneração especial por *Homenagem à Catalunha*, de George Orwell, como “modelo de veracidade”: “O livro é uma peça de literatura. É inexacto em muitos aspectos, entre outras razões porque os cadernos de apontamentos foram roubados pelos comunistas que vieram prendê-lo como trotskista. Ainda assim, não se duvida o único momento que ele tenta atingir o maior rigor possível, a verdade apoiada em factos que tem de separar as planícies da história e do jornalismo das montanhas mágicas da ficção.” É este o meridiano do trabalho de Garton Ash, que se move na perigosa e pouco visitada fronteira onde o jornalismo, a história e a literatura se encontram. Uma longa linha que o autor percorre, incólume, em *History of the Present*, colecção de “ensaios, cenas e despachos da Europa nos anos 90”.

Num livro feito de “fragmentos” (vários escritos para o “The New York Review of Books” ou na revista *Granta*) e cadenciado por cronologias, o “presente” de Garton Ash começa a 1 de Janeiro de 1990 e acaba em Março de 1999, mesmo a tempo de incluir o início dos bombardeamentos da NATO sobre a Jugoslávia (a obra entrou na tipografia uma semana depois de a Aliança desencadear a campanha aérea). Em *History of the Present* (um termo cunhado pelo historiador George Kennan numa crítica a um livro anterior de Ash, *The Uses of Adversity*, sobre a Europa Central nos anos 80), a década de 90 é um eterno presente a ser trabalhado e vivido — e corrigido, se for o caso —, ao correr das páginas. Para Ash, o tempo do historiador encolhe ao ponto de pulsar a actualidade e o tempo do jornalista estende-se até criar distanciamento.

Não poderia ser de outra forma: Garton Ash põe em dúvida que toda a investigação histórica ganhe com o

Pedro Rosa Mendes, jornalista do Público

acumular dos anos sobre “os factos” e insistem que há coisas — quase sempre as mais importantes — que podem apenas registar-se se forem vividas. “Não há nada que se compare com o ter estado lá.” É o que ele faz, uma História em directo: há mais de 20 anos que Garton Ash escreve sobre a Europa Central (ou a parte ocidental da “Europa de Leste” comunista) porque é também esse o período de tempo que ele leva de envolvimento directo — profissional e afectivo, dir-se-ia militante — com o seu campo de estudo. Não há melhor ilustração disso do que outro livro de Garton Ash, *The File — a Personal History*, onde o historiador do St. Anthony’s College de Oxford investiga um ficheiro da Stasi (antiga polícia secreta da Alemanha Democrática) — o seu próprio ficheiro.

A Polónia, a Alemanha, a antiga Checoslováquia, os Balcãs são terreno de trabalho do historiador, também ou principalmente porque o historiador esteve lá como observador e, muitas vezes, como actor: na queda do Muro como na “Revolução de Veludo”, entre os dissidentes antes de eles se tornarem presidentes, com os sindicalistas antes de eles gerirem as privatizações, com a *nomenklatura* antes de os seus membros entrarem na prisão, em desgraça ou na corrupção desenfreada. Ash marca a sua distância em relação ao género a que se convencionou chamar *faction* e dorme descansado quanto à seriedade académica da sua obra: “Ser julgado pelos argumentos e não pelos motivos é um direito intelectual básico.”

“A falha característica da escrita jornalística é a superficialidade e a da escrita académica é a irrealidade.” As

virtudes de cada uma: “Profundidade na investigação, realismo no jornalismo”. Garton Ash consegue conciliar as virtudes, escapando (quase sempre) às falhas. Há peças notáveis: o relato da visita a Erich Honecker na prisão, o ensaio sobre intelectuais e políticos (*case study*: os dois Václavs de Praga, Havel e Klaus, presidente e primeiro-ministro), as reportagens na Bósnia, a análise da gestão política do passado (“Bad Memories”), os ensaios sobre o tema mais recorrente do livro, a construção europeia.

No dia 1 de Janeiro de 1990, “todos nós já sabíamos que esta década seria de formação na Europa”, escreve o historiador na introdução. Mas “nenhum de nós sabia que as coisas iriam ter este rumo. As mudanças para melhor experimentadas por amigos em Varsóvia, Praga e Budapeste ultrapassaram todos os nossos sonhos. O que aconteceu aos que estão em Belgrado, Sarajevo e Pristina foi pior do que os nossos piores pesadelos.”

Amigos, sonhos e pesadelos — disso se faz *History of the Present*, que o autor avisa ser “um caleidoscópio. Espero que algumas verdades sobre a Europa emirjam destas imagens espelhadas de fragmentos coloridos, constantemente rearranjados em diferentes padrões conforme a mão do tempo roda o tubo.” O caleidoscópio, mesmo que sempre aleatório, é rodado com o mesmo critério que rege a vida de Helena, dissidente polaca transformada em editora de sucesso: “decência, a virtude orwelliana cardeal.”